

O RIO GRANDE DO SUL E O RACISMO NO FUTEBOL: DA LIGA DAS CANELAS PRETAS À DUPLA GRENAL.

BAIRROS, A. C.¹, MENDES, A. L.², POSCHI, B. S.³, SILVA, T. R.⁴

¹ E.E.E.M Dr. Carlos Antônio Kluwe - Bagé - Rs - Brasil - alinebairros17273747@gmail.com

² E.E.E.M. Dr. Carlos Antônio Kluwe - Bagé - Rs - Brasil - aleclmendes@gmail.com

³ E.E.E.M. Dr. Carlos Antônio Kluwe - Bagé - Rs - Brasil - brunaposchi22@gmail.com

⁴ E.E.E.M. Dr. Carlos Antônio Kluwe - Bagé - Rs - Brasil - tiago-silva23@educar.rs.gov.br

RESUMO

Neste trabalho, foram estudadas as relações Étnico Raciais na sociedade brasileira, buscando realizar uma análise sobre a questão negra no futebol sul-riograndense, questionando a evolução da moral no ambiente futebolístico, do pós-abolição até a atualidade, partindo de uma perspectiva histórica e social. Através de artigos e relatos populares, debatemos as trajetórias dos maiores clubes de futebol no RS e sua relação com o racismo. O resumo toma em consideração o pós-abolição como sendo um momento histórico em que a segregação, mesmo não institucionalizada, fazia parte da sociedade brasileira, forçando pessoas negras a criarem novos meios de socialização e organização social, coisa que não foi diferente no esporte, contando com a criação de ligas de futebol especificamente negras. Tendo em mente que a aceitação de jogadores negros nem sempre foi a mesma, o presente estudo avalia também um cenário histórico e social que pode ser apontado como razão central do racismo ser um dos fatores determinantes na criação da identidade dos dois principais times gaúchos, que cultivaram ao longo de mais de um século uma profunda rivalidade e percepções públicas opostas em relação a seu caráter, nominalmente, o *Sport Club Internacional* e *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. Tudo isso feito com o objetivo de entender como superar o legado do racismo no esporte mais culturalmente importante do país.

Palavras-Chave: Racismo, Futebol, Rio Grande do Sul.

1 INTRODUÇÃO

O futebol serviu ao longo da história brasileira como uma importante atividade cultural e social, reunindo diferentes pessoas de regiões e etnias distintas, unindo-as sob a mesma prática. A própria seleção brasileira pode ser apontada como fator que uniu os brasileiros sobre o mesmo ideal do país do futebol, ganhador de cinco copas do mundo. Porém, o mito da democracia racial não se sustenta e,

quando analisado mais a fundo, percebemos uma profunda marca de racismo no futebol brasileiro, como no resto da sociedade.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi idealizado com base na pesquisa qualitativa de textos e artigos relacionados ao tema principal; com a finalidade de analisar o processo histórico do racismo no futebol sul-riograndense, foram utilizados os estudos de autores variados como Dos Anjos (2007), referências na área como Loner (2001), além de trabalhos mais recentes como Da Silva (2018) e Bresolin (2024) entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao tema, como o artigo jornalístico e histórico de Manenti (2014).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Evidentemente, o Brasil é marcado durante toda sua história por preconceito e racismo, a história não se difere no futebol da cidade de Pelotas, cidade mais negra do Rio Grande do Sul. Em Pelotas, no pós-abolição, times formados por jogadores negros foram barrados de jogarem junto à elite branca de pelotas na Liga Pelotense de Foot-Ball, assim forçados a criar sua própria liga, a Liga José do Patrocínio (Mackedanz, 2015). O cenário não era muito diferente quanto às outras cidades, Da Silva (2018, p.80) demonstra a organização de times negros como o *Sport Club Palmeira* em Bagé na Liga 13 de Maio, também os relacionando à organização da classe trabalhadora negra da cidade por meio de jornais e clubes recreativos. Loner (2001, p.146) identifica o mesmo fator de organização da classe em Rio Grande e coloca ênfase na participação operária nos times da cidade, mesmo segregados. A situação se mostra igual na capital, Porto Alegre, onde havia a famosa “Liga das Canelas Pretas”, que era chamada assim pejorativamente, tomava o nome real de “Liga Nacional de Football Portoalegrense” (Manenti, 2014).

Porém, entender as relações de raça no RS é também entender a relação dos maiores times do estado, o *Sport Clube Internacional* e *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, que têm relações complicadas com a população negra ao longo de sua história, ambos clubes começando decididamente brancos, jogando na elite do

futebol de Porto Alegre. Mesmo assim, desde sua fundação, já existem marcadores da diferenciação social entre os dois times:

Em 1903, foi fundado o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense por jovens pertencentes às camadas médias e altas, em sua maioria constituída de teuto-brasileiros. Em 1909, o Sport Club Internacional foi fundado por migrantes paulistas e jovens de menor prestígio na sociedade porto-alegrense. A Liga Porto-Alegrense de Football foi constituída em 1910. As duas equipes disputavam anualmente a taça Wanderpreiss e realizavam alguns jogos amistosos pelo interior do Estado. No entanto os negros e as camadas periféricas não tiveram acesso a nenhum desses clubes. No Sport Clube Internacional, a possibilidade de o negro vir a fazer parte da equipe só ocorreu na década de 1930 e, no Grêmio, somente nos anos iniciais da de 1950. Foi nesse contexto que, ainda na década de 1910, foi formada a Liga da Canela Preta, em oposição à Liga Branca, constituída pelos descendentes de europeus. (Anjos, 2006)

De acordo com Manenti (2014), eventualmente, consolida-se o Internacional como um time popular e o Grêmio como um time da elite, puxado por uma longa série de acontecimentos históricos, entre eles a dominância de um time majoritariamente negro do Internacional na década de 40 (muito movida por fatores econômicos), a adoção do único mascote negro da série A do futebol brasileiro, o saci, e fatores geográficos, como a localização dos estádios e campos de treinamento. Manenti (2014) destaca também que os ataques à torcida e aos jogadores do Internacional sempre foi presente, apelidos como o de “macaco” tornaram-se comuns, até mesmo em músicas da torcida gremista. Ofensas racistas seriam reapropriadas e parodiadas pela torcida colorada ao longo dos anos, diversos relatos populares apontam o apelido dado pelos gremistas à torcida colorada de “crioulos” e “macaco” como reação a torcedores colorados¹ pulando e festejando ao torcer para o time, ou supostamente subindo em árvores para assistir aos jogos do time. Apelidos como esse foram reapropriados, quando os torcedores gremistas começaram a festejar também durante os jogos, foi produzida uma famosa faixa escrito “Imitando crioulo, hein?”, e o símbolo do macaco passou pelo mesmo processo, um torcedor em específico tomou a fantasia de macaco ao ir para os jogos. Em um tempo, cânticos como o “Chora macaco imundo...” da torcida gremista seriam respondidos por “Ah, eu sou macaco...” da torcida colorada. Porém, mesmo depois de tudo isso, não é correto afirmar categoricamente que a torcida colorada seria tipicamente antirracista por se apropriar desses símbolos, a história se complica, demonstrando um time que ainda sim perpetua o racismo de maneira velada, similar aos outros clubes de todo o Brasil:

¹ Nome popular dado aos torcedores do Sport Club Internacional.

—O Inter desenvolveu um racismo tipicamente à brasileira, que é: conviver com os negros, desde que eles se mantenham na senzala, não tem ‘problema’ nenhum. Você tinha negros no estádio, mas você não os encontrava na cadeira cativa, no conselho deliberativo, na diretoria. Mas, na Coreia, sim; lá na parte menos nobre do estádio, não havia problema. Na lógica do racismo à brasileira, que é um racismo inclusivo, aquilo caía muito bem. Não tem nenhuma pesquisa que comprove que exista um pertencimento dos negros gaúchos, em sua maioria, ao Inter. Poderia se fazer a pesquisa no presente, e eu acho que os autodeclarados negros tenderiam a se inclinar mais para o Inter do que ao Grêmio. (Arlei Damo, sociólogo) (Manenti, 2014)

Com base nas informações fornecidas, é importante destacar que apesar do futebol hoje em dia estar enraizado na cultura brasileira, sendo construída sua imagem na cultura popular, Loner (2001) afirma que na prática o futebol foi introduzido no Brasil como uma forma de distinção de classes, e também de raça. No Rio Grande do Sul, não sendo diferente, clubes do operariado se distinguiam de clubes da elite, clubes brancos se distinguiam de clubes negros. Entende-se que a mudança de postura dos times da elite do Rio Grande do Sul foi movida por interesses econômicos, como a profissionalização do esporte, e serviu para diminuir o embate racial, em prática, acabando com as ligas de futebol preto. Como resultado, é possível ligar o fim de alguns desses times com uma gradual desorganização da classe trabalhadora negra, o que, combinado com uma transformação do esporte em um produto comercial, escondeu o racismo embutido no futebol brasileiro de times como o Internacional, que se transformou em uma reprodução simbólica de resistência. Por conseguinte, o Grêmio, time típico da elite teve que se adaptar ao novo ambiente gradualmente, e a sua história eugênica carrega marcas para a percepção pública e comportamento da torcida/diretoria até hoje, não é surpreendente, então, que pesquisas como a do jornal O GLOBO/IPEC (2022) apontam que o Inter é o time com mais torcedores autodeclarados pretos e pardos na região sul do Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com a análise desses estudos que a questão racial no âmbito do futebol sul-riograndense é complexa e multifacetada, forjada a partir da discriminação sofrida pelos povos negros em todo o país. O futebol serviu, em diferentes tempos históricos, como tensionador e como apaziguador de desavenças de classe e raça, passando por uma série de processos históricos que consolidaram

dois grandes times no RS com percepções públicas opostas, alimentando uma rivalidade para muito além do esporte. É necessário compreender a história de times tão amados (e outrora odiados) como Inter e Grêmio para compreender a identidade fraturada que o povo gaúcho carrega, um estado que em uma mão consegue estar na vanguarda de movimentos sociais trabalhistas, e em outra chafurdando no neofascismo e preconceito. Entender a história do futebol, no Brasil, é entender a história do povo, com a informação descrita acima fazemos o apelo a um futebol que não só esqueça o racismo, mas combata-o até ser extinguido, seja onde for.

REFERÊNCIAS

DOS ANJOS, J. L. **FUTEBOL NO SUL: HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA ÉTNICA**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 33–50, 2007. DOI: 10.5216/rpp.v10i1.143. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/143>. Acesso em: 7 set. 2024.

LONER, B. A. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1830)**. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária: Unitrabalho. 2001.

MACKEDANZ, C. F. **Os afrodescendentes e o futebol pelotense no pós-abolição (1925-1938)**. ESTUDIOS HISTÓRICOS, v. , n. 15, p. x-x, 2015. Disponível em: <https://estudioshistoricos.org/15/eh%201513.pdf>. Acesso em: 7 set. 2024.

MANENTI, C. **Futebol a cores, uma história de racismo no Rio Grande do Sul**. Medium, 2014. Disponível em: <https://medium.com/jornalismoempe/da-ilhota-a-arena-de-tesourinha-a-patricia-moreira-739caea6b382>. Acesso em: 7 set. 2024.

O GLOBO. **Flamengo na liderança, Palmeiras em segundo, time da Bahia e negro: os destaques da pesquisa O Globo/Ipec de torcidas**. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2022/07/flamengo-na-lideranca-palmeiras-segundo-time-bahia-negro-os-destaques-da-pesquisa-o-globoipec-de-torcidas.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no Pós-abolição: imprensa, carnaval e clubes sociais negros na fronteira sul do Brasil - 1913-1980**. 2018. 180f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2018/06/Tiago-Rosa-da-Silva.pdf>. Acesso em: 7 set. 2024.